



## **Criando diferenciais a partir de diálogos entre mídia comunitária e grande mídia<sup>1</sup>**

Adriana Januário CÔNSOLO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

O trabalho pretende mostrar que é possível estabelecer diálogos entre mídia comunitária e *mass media*, criando diferenciais para todos os envolvidos no processo comunicacional. O artigo se baseia em um estudo de caso da oficina de jornalismo impresso do projeto de extensão UFJF Território de Oportunidades, que desenvolve atividades sócio-educativas com adolescentes da periferia de Juiz de Fora. O objetivo desta análise é mostrar que é necessário criar redes de comunicação entre grupos que são “invisíveis” socialmente, como os jovens das periferias.

**PALAVRAS-CHAVE:** horizontalidade comunicacional; invisibilidade social; cidadãos-comunicadores; mediação; redes.

### **Introdução**

Será possível estabelecer diálogos entre mídia comunitária e grande mídia? Alguns diriam que se trata de tarefa impossível, uma vez que a grande mídia, em geral, possui uma linha editorial fechada, restrita e elitista. E de fato é assim que se comporta a maior parte da grande mídia de massa. Mas, apesar de na prática o acesso das camadas populares (com voz e não apenas com audiência) aos grandes veículos de comunicação ser comumente algo inalcançável e distante, há a possibilidade de vislumbrar brechas de atuação que poderiam garantir alguma visibilidade a estes segmentos sociais.

É verdade que a maioria das pessoas que consegue publicar um artigo opinativo em algum jornal de grande circulação pertence a nichos profissionais específicos, como escritores, advogados, ou seja, especialistas em determinada área. Dificilmente se vê alguma contribuição de profissionais que não tenham nível superior – mais raramente ainda têm voz direta na mídia os moradores da periferia, por exemplo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Mediações e Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º período do curso de Comunicação Social da Facom – UFJF, *e-mail*: dricaconsolo@yahoo.com.br. Orientadora do trabalho: Profª Drª Cláudia Regina Lahni, *e-mail*: crlahni@yahoo.com.br. Co-orientador: Profº Drº Paulo Roberto Figueira Leal, *e-mail*: pabeto.figueira@uol.com.br. Ambos professores de Graduação e Mestrado da Faculdade de Comunicação Social da UFJF.



Ainda são raras as demonstrações de que é viável a essas pessoas alcançar a grande mídia. Mas iniciativas isoladas apontam que é possível criar brechas, enquanto se continua travando a luta política para que os grupos socialmente marginalizados, como os integrantes da periferia, possam utilizar os canais midiáticos existentes para se pronunciar sobre qualquer assunto (mesmo se o tema for polêmico).

Isso ocorreu, por exemplo, com a publicação do artigo “A política de Juiz de Fora no olhar da periferia” na seção Boca no Mundo, do jornal Tribuna de Minas *on line*, no dia 04 de junho de 2008. O jornal Tribuna de Minas é o veículo regional de maior circulação em Juiz de Fora e a versão *on line* ([www.tribunademinas.com.br](http://www.tribunademinas.com.br)) também possui um número expressivo de acessos. Vamos analisar mais detalhadamente como se deu esta publicação.

O texto publicado foi produzido durante uma oficina de jornalismo impresso do projeto de extensão “UFJF Território de Oportunidades”, que atualmente trabalha com jovens dos bairros Santa Cândida e Granjas Betânia, locais periféricos de Juiz de Fora. Os principais objetivos da oficina de impresso são desenvolver uma leitura crítica dos meios e possibilitar o exercício do direito à comunicação. Entre as atividades propostas na oficina estão a produção de um boletim comunitário chamado “Território Informa”, além de desenvolvimento de textos como artigos, que despertam senso crítico e capacidade argumentativa.

### **Vozes da periferia encontrando eco na grande mídia**

Na ocasião da produção do artigo em questão, a oficina trouxe um tema polêmico: a primeira prisão do então prefeito da cidade, Alberto Bejani, pela Operação Pasárgada da Polícia Federal, em abril de 2008 e a posterior libertação após duas semanas de cárcere. O jornal utilizado para debate na oficina foi a Tribuna de Minas, que publicou uma entrevista com o então prefeito, após ter deixado a prisão.

A discussão sobre o assunto na oficina foi muito fértil e os jovens da periferia propuseram ângulos de visão diferenciados, de acordo com suas próprias realidades. Foram produzidos ótimos artigos. A interpretação dos acontecimentos políticos da cidade através dos olhos dos jovens da periferia surpreendeu pela criatividade e pelo desejo de transformação. Para o filósofo italiano Vattimo (1995, p. 283) a interpretação constitui a possibilidade inventiva e revolucionária do indivíduo no mundo.

De fato, os artigos produzidos na oficina foram instigantes ao apontar possibilidades contra-hegemônicas de compreensão e de interferência na realidade.



Depois que todos terminaram de escrever os textos, cada adolescente leu seu artigo e um foi eleito o melhor pela turma: o texto do jovem Welington Azevedo Arruda. O ponto principal de sua argumentação era a discordância em relação ao local da prisão do então prefeito.

Na opinião do estudante, Alberto Bejani deveria ter sido preso no Ceresp, a cadeia de Juiz de Fora, e não em Contagem, “para ver as condições do presídio que manda fazer”. Os outros textos também ficaram criativos, com visões pertinentes, críticas e diferentes por mostrarem a opinião “do outro lado”, ou seja, a visão da periferia, que não se costuma exibir nos grandes meios de comunicação.

Dessa forma, foi sugerida a tentativa de publicação de um artigo na Tribuna de Minas com as melhores contribuições de todos. Ou seja, um artigo coletivo com os “melhores momentos” de todos os outros textos. Isso significaria a construção de um texto horizontal, em que todos teriam voz ativa. A idéia foi de imediato aprovada pelos jovens. A partir daí ninguém sabia qual seria a destinação e o aproveitamento daquele material. Muitos nem acreditavam que a publicação pudesse ser viabilizada realmente, já que o tema era considerado polêmico e os jovens fizeram críticas contundentes ao então prefeito de Juiz de Fora.

O texto com as melhores contribuições foi organizado pelas bolsistas da oficina, com ganchos atuais da época, como a CPI instalada pela Câmara dos Vereadores. A mediação da oficina de jornalismo impresso foi importante para reunir o material, dar um tom mais jornalístico, com ganchos e acontecimentos factuais como o Movimento Popular “Fora Bejani”, além de corrigir possíveis problemas de linguagem e ortografia. Mas a função principal foi fazer a ligação ou mediação entre os jovens e o jornal, ou seja, realizar a operação de negociação entre as duas partes no processo de comunicação.

Toda essa articulação da oficina para adentrar no debate social representa uma das manifestações de um novo projeto político que nasce nos últimos anos. Jesus Martín-Barbero fala sobre tal projeto político que faz uma redescoberta do popular e que é capaz de compreender a importância estratégica da democratização enquanto um espaço de transformação social. Isso significa “a revalorização das articulações e mediações da sociedade civil, sentido social dos conflitos para além de sua formulação e síntese política, reconhecimento das experiências coletivas não enquadradas nas formas partidárias”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.284)



Exatamente por não possuir ligação partidária, o artigo de tom polêmico pôde ser publicado, ainda que apenas na versão *on line*. De acordo com a justificativa da equipe editorial da Tribuna de Minas, o artigo não foi publicado no jornal impresso por se ater bastante à prisão do prefeito, o que poderia abrir precedentes para publicação de outros textos sobre o tema com interesses políticos. Como o artigo tinha que ser personalizado, a autoria foi de Welington Azevedo Arruda (afinal, seu texto foi eleito o melhor), com colaboração de integrantes do projeto UFJF Território de Oportunidades. O artigo, marcado pela horizontalidade, teve espaço para publicação em um ambiente igualmente horizontal, a *web*.

### **A perspectiva da horizontalidade comunicacional**

A rede traz possibilidades de democratização da informação, pois a característica da internet é a horizontalidade. Para a escritora Raquel Paiva, a rede pode tornar-se um meio de comunicação horizontal e democrático, “capaz de combater a verticalidade dos meios tradicionais de comunicação de massa”. (PAIVA, 1998, p.196). O teórico francês Pierre Lévy também acredita que a internet oferece abertura para os atores nela envolvidos. “A rede hipertextual está em constante construção e renegociação”. (LÉVY, 2004, p. 25).

O que será que despertou o interesse da grande mídia em divulgar um artigo como esse, escrito por jovens da periferia? Quando o texto foi enviado por *e-mail* para a Tribuna de Minas foi ressaltado que não se tinha visto nada parecido no jornal e que as idéias da periferia poderiam representar um diferencial, afinal, é incomum ver isso nas páginas de qualquer periódico. Dessa forma, o contexto mostra-se de fundamental importância para despertar o interesse da mídia. Para Pierre Lévy, “longe de ser apenas um auxiliar útil à compreensão das mensagens, o contexto é o próprio alvo dos atos de comunicação”. (LÉVY, 2004, p. 21).

Além da questão do olhar diferenciado do artigo, outro ponto fundamental foi destacar que o texto não ofendia a honra de ninguém e que já havia sido revisado por professores da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, como a professora doutora Cláudia Regina Lahni, coordenadora da oficina de impresso do projeto UFJF Território de Oportunidades.

Mas o texto era crítico, como todo bom artigo. Todo esse cuidado era necessário porque o tema era muito forte e é conhecida a ligação que muitos jornais têm com os prefeitos das cidades. Trata-se de relações muitas vezes movidas por interesses



comerciais. Contudo, o jornal ainda desempenha um papel importante na construção social que ultrapassa barreiras mercadológicas. Tal caráter social da grande mídia talvez oferecesse um espaço para a publicação da periferia.

Embora o jornalismo expresse e reproduza a visão burguesa do mundo, ele possui características próprias enquanto forma de conhecimento social e ultrapassa, por sua potencialidade histórica concretamente colocada, a mera funcionalidade ao sistema capitalista. (GENRO, 1989, p. 59)

De fato, o artigo, construído coletivamente na oficina, foi publicado no jornal *Tribuna de Minas on line*. Muitos estudantes de Comunicação ainda não puderam se orgulhar de ter um texto publicado em um veículo da grande mídia. Mas os adolescentes do projeto UFJF Território de Oportunidades, sim. Quando souberam disso na oficina, muitos jovens se entreolharam surpresos. Risos de orgulho podiam ser observados. Os adolescentes tinham o que dizer para a cidade e também as formas de dizer, através da intermediação do projeto. A partir de uma produção jornalística comunitária os jovens da periferia conseguiram atingir a grande mídia, obtendo melhor poder de barganha e mais impacto político e social.

O jornalismo comunitário é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe. (...) Um jornal comunitário (...) é elaborado por membros de uma comunidade que procuram através de dele obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particularizados (anunciantes, figuras proeminentes), mas para toda a comunidade que esteja operando o veículo. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 161)

O jornalismo comunitário desenvolvido em oficinas ou projetos sociais, em geral, possui grande potencial para dialogar não só com a grande mídia, mas também com outras instâncias sociais. Tal potencial do jornalismo comunitário se revela através de agentes comunicadores que propõem um conteúdo diferenciado, que privilegia a contextualização e um olhar diferente sobre o mundo. Tais características podem tornar os agentes comunicadores dos veículos comunitários verdadeiros líderes de opinião. “Os líderes de opinião não se encontram particularmente nas classes mais cultas ou entre as pessoas de maior prestígio na comunidade”. (BELTRÃO, 2004, p. 44)

Muitas vezes, os líderes de opinião populares expressam em produções jornalísticas comunitárias pontos de vista que são visionários e até revolucionários. No



caso do artigo “A política de Juiz de Fora no olhar da periferia”, produzido na oficina de impresso do Território de Oportunidades, os jovens escreveram que o então prefeito Alberto Bejani deveria ser preso de novo e até mesmo perder o cargo.

Na época, isso era impensável, pois tal fato nunca havia ocorrido antes na história de Juiz de Fora. Os prefeitos que renunciaram anteriormente (apenas dois) almejavam disputar novos cargos. Contudo, de fato, a Operação “de Volta para Pasárgada”, da Polícia Federal, prendeu Alberto Bejani pela segunda vez e este renunciou ao cargo.

Como se nota, o senso crítico dos jovens da periferia é aguçado e eles mostraram que o impossível pode e deve se tornar realidade. “Entre os fundamentos estabelecidos do que constitui a comunicação alternativa, está o não-atrelamento aos padrões existentes, o incentivo à inventividade, ao processo criativo como forma de subverter o esquema dominante”. (PAIVA, 1998, p. 194). Para o uruguaio Mario Kaplún<sup>3</sup>, só o uso criativo dos recursos pode evitar a verticalidade do discurso, dotar a mensagem de empatia, ativar a decodificação e estimular a educação.

As oficinas de jornalismo alternativo que desenvolvem trabalhos semelhantes com jovens geralmente produzem um rico material que, muitas vezes, só fica restrito às próprias oficinas. É necessário estender a visão desses jovens para o resto da sociedade, a partir da tentativa de estabelecimento de diálogos com a grande mídia. Isso é um diferencial para a grande mídia e pode merecer publicação.

Da mesma forma, é um diferencial para o projeto e para os jovens. Igualmente, é um diferencial para os leitores ou internautas, que terão acesso a outros pontos de vista, a outras visões de mundo, que vão enriquecer o debate social. Dessa forma, são criados muitos diferenciais quando mídia comunitária e grande mídia dialogam.

“A característica fundamental da estrutura comunitária é a de planejar e oferecer subsídios para o processo dialogal e bidirecional, além de participativo” (PAIVA, 1998, p. 156). É preciso estimular a solidariedade social que a grande mídia pode criar em relação aos grupos marginalizados, uma vez que atinge um maior número de pessoas.

Para a sociedade de massa, exige-se a comunicação maciça, coletiva, que, utilizando diferentes instrumentos e técnicas, fornece mensagens de acordo com a identidade de valores dos

---

<sup>3</sup> *Apud*: BERARDI, Franco (org.). **Cibernauti a tecnologia, comunicazione, democrazia** – internet e il futuro della comunicazione. Roma: Castelvecchi, 1995. p. 102



grupos e, dando curso a diferentes pontos de vista, fomenta os interesses comuns, ora desintegrando ora criando solidariedade social. (BELTRÃO, 2004, p. 28)

### **Comunidade, cidadania e mídia**

Mas, como uma visão de uma determinada comunidade (no caso, de jovens de dois bairros da periferia de Juiz de Fora) pode despertar interesse para a grande mídia e para a sociedade como um todo? A escritora Raquel Paiva entende que comunidade e sociedade, que aparentemente constituem conceitos opostos, talvez sejam interdependentes e convivam juntos em um mesmo espaço, por mais paradoxal que isso possa parecer. Jean Servaes também possui visão semelhante. “A globalização e a localização formam em si um mesmo processo, sendo exatamente os dois lados de uma mesma moeda, as mesmas áreas inter (culturais) em sua origem, conduzindo ambas a um processo de interpretação global ou a um processo de interpretação local”. (SERVAES, 2002, p.38)

Em uma comunidade se prioriza o local, o regional, o contato e a intervenção no real. Já na sociedade, há o predomínio da atomização, da desterritorialização e da individualidade. Embora a sociedade capitalista originariamente não compartilhe os valores da comunidade, a tendência é a premência dos ideais comunitários dentro da sociedade.

Os microespaços, a descentralização, a participação e o trabalho em equipe, por exemplo, mostram-se mais produtivos e eficazes na gestão de interesses econômicos e sociais, proporcionando mais desenvolvimento ao multiplicar os resultados. Dessa forma, o desenvolvimento de Organizações não-governamentais (Ong’s) e de projetos sociais que trabalham com valores como cooperação e solidariedade, torna-se fundamental e estratégico para o bem-estar comum.

Atualmente, o acesso aos meios de comunicação também se mostra fator estratégico na sociedade. Se em um momento anterior da história da humanidade o poder político era obtido através de impérios e exércitos, atualmente é o controle da mídia e do fluxo de informações que garante o poder, de acordo com Paiva (1998, p. 24). Nesse sentido, verifica-se a importância da comunicação comunitária, que dá voz aos grupos socialmente excluídos. O objetivo desta é extremamente político, pois pretende envolver ao máximo a comunidade em todos os processos de produção do jornal e contribuir para a sua mobilização política para a transformação de uma determinada realidade social.



Para Raquel Paiva “é inegável que já representa um avanço dispor de veículos comunitários que possam dar informações relativas a grupos específicos, ainda que não haja o objetivo de discuti-las e interpretá-las”. (PAIVA, 1998, p. 160). O fato é que quando tais informações de caráter comunitário se projetam na grande mídia, ganham *status* de notícia e são analisadas, interpretadas e divulgadas em outros veículos, formando redes de comunicação e de difusão de idéias.

Isso ocorreu com o artigo “A política de Juiz de Fora no olhar da periferia”. A publicação foi pauta da reunião do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF e já foi apontada pela equipe da assessoria de comunicação da Faculdade como notícia para o jornal mural e para o site [www.facom.ufjf.br](http://www.facom.ufjf.br). Essas redes de comunicação são fundamentais, pois se mesclam de forma dinâmica e produzem novos conhecimentos, atingindo um número maior de pessoas. Através de tais redes, foi possível discutir a participação da periferia na construção da sociedade.

Afinal, qual é o papel que os jovens de periferia desempenham na sociedade? Em geral, há duas possibilidades de análise principais. O estereótipo diz que os jovens da periferia são violentos e possuem grande ligação com o tráfico de drogas. De acordo com Paulo Roberto Figueira Leal, professor da Faculdade de Comunicação da UFJF e estudioso das relações entre política e comunicação, todo estereótipo é um atalho, em que não precisamos conhecer a real diversidade presente no mundo - a informação que circula pelos meios costuma oferecer uma leitura simplificada e frequentemente estereotipada destes grupos que representam a alteridade.

A outra possibilidade de análise reside na figura do jovem da periferia como um ser exótico, particular, pitoresco e até folclórico. É a imagem do jovem que vive do *hip-hop*, do grafite, enfim, de uma cultura tão específica e aparentemente tão distante, que não interessa à sociedade como um todo. Em ambos os casos, o jovem da periferia fica incomunicável. Quando ele é estereotipado, há incomunicabilidade, afastamento, rejeição. Quando o jovem é visto como detentor de uma cultura muito particular, também não há comunicação, afinal, ele só se comunica dentro de sua tribo. Ou seja, a comunicação se volta apenas para eles mesmos, de forma unidirecional.

De acordo com Maria Aparecida Tardin Cassab, professora da Faculdade de Serviço Social da UFJF e idealizadora do projeto UFJF Território de Oportunidades, o jovem pobre é invisível dentro da sociedade e só vai deixar de sê-lo quando novos canais de comunicação forem abertos. Iluska Coutinho, professora da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, observa que o jovem de periferia quase nunca é fonte



para os jornalistas. “O jovem pode até ilustrar alguma matéria, mas, em geral, não é uma fonte relevante”.

Ora, se a comunicação hoje é considerada essencial para o exercício da cidadania e para a construção da democracia, como fica a situação dos jovens da periferia neste contexto em que não têm voz na sociedade? Em pesquisa aplicada com a turma do projeto Território de Oportunidades, sobre a questão da democracia, a maioria respondeu que nem sabia que existia, que não sabia definir, que só existia para os políticos, sinônimo de desunião, que compreensão e união ajudariam ou que não tinham nada a dizer sobre a democracia. Isso mostra que esses jovens realmente se sentem invisíveis e incomunicáveis.

É fundamental que a comunicação seja multidirecional para proporcionar o real exercício da cidadania e da democracia, que ainda não existe para muitos. Na mesma pesquisa citada anteriormente, a jovem Thais Aparecida Lima afirma que a produção que considerou mais importante na oficina foi o artigo publicado na Tribuna de Minas *on line*, pois “o artigo divulgou nossa opinião para todos”. Ivone Brito também considerou esta a produção mais importante da oficina, pois, segundo ela, “não teria essa oportunidade”. A partir desta experiência, as jovens se sentiram mais inseridas dentro das discussões da sociedade.

A partir do momento em que ouvimos o outro, o encaramos como nosso par e o respeitamos. Por isso, é importante que a sociedade ouça os jovens da periferia e outras tantas vozes que ficam mudas. Um dos caminhos possíveis para isso é que se estabeleçam diálogos entre mídia comunitária e grande mídia – sempre buscando brechas nas quais vozes dissonantes possam se manifestar.

A mobilização social e o exercício da cidadania são objetivos intrínsecos aos veículos comunitários. “O que permite conceituar um veículo como comunitário não é sua capacidade de prestação de serviço, e sim sua proposta social, seu objetivo claro de mobilização vinculado ao exercício de cidadania”. (PAIVA, 1998, p. 160).

E o que é ter cidadania e manter-se como cidadão em uma sociedade? Uma das definições possíveis é “Os homens de uma sociedade mantêm-se como cidadãos à medida que partilham as mesmas normas e podem lançar mão delas para se defender”. (COVRE, 2006, p.18). Uma vez que poucos dispõem efetivamente do direito à comunicação, garantido constitucionalmente, percebe-se que a cidadania ainda está distante de muitos. É necessário possibilitar o exercício de tal direito, a partir da democratização da informação.



Democratizar também significa difundir idéias a um número cada vez maior de pessoas. Neste aspecto, a grande mídia, ao invés de “opositora” à mídia comunitária, pode ser uma importante aliada para este fim, sem comprometer o compromisso comunitário dos veículos alternativos. “O exercício da sua prática interna (movimentos sociais) já expressa o objetivo político da democracia a que se voltam no exterior”. (MAAR, 2006, p. 74-75).

Sabe-se que a referência ou valor de democracia são construídos ao longo da história e que tais parâmetros ainda não existem ou se encontram indefinidos para os jovens da periferia e outros grupos marginalizados. Tais grupos, na verdade, são “invisíveis” na sociedade. A inserção midiática mediada ou negociada pode ser uma alternativa para que tais grupos saiam da invisibilidade.

A inserção midiática mediada possibilita a criação de novos canais para uma comunicação cidadã; uma vez que compete a localidade, e a atuação de suas lideranças, a escolha de ações comunitárias que podem percorrer: da resistência, à coexistência, e até a independência; desde que em consonância com os interesses de seus grupos de referência e com as condições de apropriação/compreensão dos bens culturais por eles produzidos. (SCHIMDT, 2006, p.213 ).

Schmidt apresenta três caminhos possíveis para a concretização de uma mídia cidadã, que vão da resistência à coexistência. Entretanto, verifica-se a possibilidade de um caminho que pode ser a síntese de todos esses mencionados pela escritora. Um canal de comunicação que ao mesmo tempo coexista com a grande mídia e seja resistente e independente. Será utopia? A experiência no Território de Oportunidades mostra que talvez não. “É nessas zonas de interseção do popular, do massivo e do erudito que se realizam as negociações de apropriação das mídias sobre o popular e da apropriação do popular sobre as mídias” (BOSI, 1997, p. 178).

Para que tal apropriação ocorra, é necessário preparar, treinar e estimular novos cidadãos-comunicadores. “É preciso garantir aos vários atores o seu direito de comunicar, de expressar seus interesses e, assim, explicitar e negociar seus conflitos. Para isso, seria necessário incentivar, qualificar e potencializar os cidadãos-comunicadores, rompendo a dicotomia emissor-receptor”. (RABELO, 2006, p. 181).

Na verdade, o que queremos demonstrar – e cientificamente é isso que se tem observado – é que os meios de comunicação de massa atuam como intermediários na ação social dos grupos. Da atividade participante dos indivíduos que integram a



sociedade é que resulta a verdadeira conformação da opinião pública<sup>4</sup>. (MELO, 1971, p. 48)

### Considerações finais

Para Martín-Barbero, a visão tradicional que se tinha de sujeitos políticos vem se modificando. Se antes pensava-se na categoria de classes sociais que repousavam sobre si mesmas, hoje, pensa-se em conflito social, econômico e simbólico. Afinal, é nesse terreno de conflito que se formam as identidades dos sujeitos e também as coletivas. E tal conflito pode se expressar através da *folkmídia*, manifestação popular que surge da necessidade primeira de trocas simbólicas e materiais para a convivência em comunidade.

Em geral, a *folkmídia* oferece uma releitura dos meios massivos para corrigir estereótipos e difundir novas idéias, reforçando a real identidade<sup>5</sup> de um determinado grupo. Podemos considerar como manifestação de *folkmídia* o artigo escrito pelos jovens do Território de Oportunidades. Uma *folkmídia* que possui particularidades de um grupo, mas que é ao mesmo tempo universal, ao ponto de atingir a *mass media*<sup>6</sup>.

É fundamental que mídia alternativa e *mass media* se complementem através de pautas, análises, contribuições e críticas. A aldeia global de McLuhan nos faz perceber que assuntos regionais podem ter características universais e vice-versa. Tudo pode se conectar na pós-modernidade, criando diferenciais.

Dessa forma, diálogos entre as diversas mídias são possíveis e essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática. O exercício do direito à comunicação deve ser sempre reivindicado, por todas as classes sociais. É possível (e necessário) concretizar e potencializar conceitos como comunidade, identidade, participação política e horizontalidade comunicacional no mundo pós-moderno em que vivemos.

---

<sup>4</sup> Marques de Melo define opinião pública como juízo de valor formulado pelo povo em torno de um fato concreto.

<sup>5</sup> O cientista político Norbert Lechner define identidade como laços de coesão coletiva e de pertencimento afetivo que desenvolvemos a cada dia.

<sup>6</sup> Marques de Melo define *mass media* como instrumentos mecânicos ou eletrônicos que difundem mensagens de acesso potencial a todos os indivíduos da sociedade.



## Referências

BARBERO, Martín Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BELTRÃO, Luiz. “Teoria da Folkcomunicação: os agentes folclóricos como líderes de opinião”. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BERARDI, Franco (org.). **Cibernauti a tecnologia, comunicazione, democrazia** – internet e il futuro della comunicazione. Roma: Castelvechi, 1995

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. Petrópolis: Editora Vozes, 1977

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2006

GALINDO, Daniel. “Folkcomunicação: Mediação, mediação ou midiatização?” In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (org.). **Mídia Cidadã**: Utopia Brasileira. São Bernardo do Campo: Ed. Universidade Metodista de São Paulo, 2006

GENRO, Adelmo. **O segredo da pirâmide para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. Ortiz, 1989

LECHNER, Norbert. **La conflictiva y nunca acabada construcción del orden desesado**. Santiago: Ed. Flacso, 1988

LÉVY, Pierre. **Tecnologias da Inteligência**: Futuro da tecnologia na era da informação. S. Paulo: Editora 34, 2004

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2006

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem** - poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1986

MELO, José Marques de. **Comunicação, opinião e desenvolvimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971

PAIVA, Raquel. **O Espírito comum**: Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 1998



RABELO, Desirée Cipriano. “Desafios: difundir-se e tornar-se comunitária”. *In*: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (org.). **Mídia Cidadã: Utopia Brasileira**. São Bernardo do Campo: Ed. Universidade Metodista de São Paulo, 2006

SCHMIDT, Cristina. “Folkmídia: da resistência à coexistência”. *In*: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (org.). **Mídia Cidadã: Utopia Brasileira**. São Bernardo do Campo: Ed. Universidade Metodista de São Paulo, 2006

SERVAES, Jean. “Globalización o localización: hacia um espacio de identidad cultural”. *In*: **Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional**. Ano 6, nº 6, Jan-Dez. São Bernardo do Campo: Umesp, 2002

VATTIMO. Gianni. “Le ‘sujet’ de la télévision”. *In*: VATTIMO. Gianni. **Repensar la television**. Turim: Zepegno, 1995

## ANEXOS

1 - Artigo publicado na seção Boca no Mundo do site do Jornal Tribuna de Minas ([www.tribunademinas.com.br/extra/bocanomundo.php](http://www.tribunademinas.com.br/extra/bocanomundo.php)), no dia 04 de Junho de 2008

### **A política de Juiz de Fora no olhar da periferia**

Wellington Azevedo Arruda, com colaboração de integrantes do projeto UFJF Território de Oportunidades

Entre CPIs e adiamentos de votações sobre possíveis ilegalidades na gestão do prefeito Alberto Bejani, vale a pena refletir sobre a política de Juiz de Fora, afinal, este ano é ano de eleições. Bom, não dá para deixar de falar sobre o fato político mais marcante que aconteceu na cidade: a prisão de Bejani. Muitos até festejaram a sua prisão, mas, nós da periferia, não. Afinal, foi muito errado ele ter sido preso em outro lugar, o ideal é que tivesse sido preso aqui mesmo, no Ceresp, para ver as condições da cadeia de Juiz de Fora e o sofrimento das pessoas.

Bejani alegou que tinha como provar a origem das armas encontradas em sua casa. Então, ele foi libertado. Mas, se a polícia pegar os pobres do morro com armas, eles vão direto para a cadeia e por lá ficam por muitos e muitos anos. De qualquer forma, a prisão de Bejani foi importante, e, se alguns deputados e senadores ficassem presos também nem que fosse por uma semana, talvez refletissem sobre atitudes políticas antiéticas, como prejudicar quem não tem dinheiro.

A prisão do prefeito Alberto Bejani foi correta, já que havia suspeitas que apontavam que ele poderia estar envolvido em ilegalidades. Essa prisão foi muito diferente das que vemos em nossa volta. Alberto Bejani agiu muito mal e agora diz que se arrependeu, dá para acreditar? Se dá ou não, quem vai saber disso é a lei. Enfim, o melhor agora é esperar que este caso seja esclarecido, e, se houver alguma coisa incorreta, que providências possam ser tomadas. A Justiça está fazendo sua parte em investigar o caso. Esperamos o mesmo da Câmara de Vereadores que nos representa.

Muitos acreditam que, diante de tantas evidências como o dinheiro vivo encontrado na residência de Bejani (mais de 1 milhão de reais) e as armas, ele deveria



ter ficado preso por mais tempo, e mais, perder o cargo de prefeito, e mais ainda, não poder reassumir cargos políticos. O movimento popular “Fora Bejani” é uma manifestação disso. Mais de 16 mil assinaturas já foram recolhidas para tentar fazer valer essas providências. Diante de todos esses acontecimentos, acreditamos que as pessoas vão refletir muito na hora de dar o voto nessas eleições.

2 - Matéria publicada dia no jornal mural da Faculdade de Comunicação Social da UFJF e no site [www.facom.ufjf.br](http://www.facom.ufjf.br) no dia 23 de junho de 2008

### **Jovens do Território de Oportunidades na Tribuna**

Como resultado da Oficina de Jornal Impresso do projeto UFJF - Território de Oportunidades, 12 adolescentes, moradores dos bairros Santa Cândida e Granjas Betânia, publicaram, no dia 4, na seção Boca no Mundo, do jornal Tribuna de Minas (on-line), o artigo A política de Juiz de Fora no olhar da periferia. O projeto, sediado na Casa de Cultura, da UFJF, é uma iniciativa das professoras do Serviço Social, Maria Aparecida Cassab e Maria Carolina Portella, e conta com o apoio da professora da Facom, Cláudia Lahni.

Por meio do olhar “visionário” dos jovens juizforanos, a publicação aborda a prisão do ex-prefeito da cidade, Alberto Bejani, em abril. Segundo a bolsista e ministrante Adriana Cònsolo, “o artigo mereceu espaço na grande mídia, tendo em vista que trouxe um olhar diferente – o olhar da periferia”.

O artigo foi publicado em nome de Welington Azevedo Arruda, já que o texto deveria ser personalizado. Os adolescentes consideraram que “Bejani deveria ter sido preso no Ceresp, em Juiz de Fora, para ver as condições da cadeia e o sofrimento das pessoas”.

Todas as oficinas do projeto são destinadas a comunidades da periferia de Juiz de Fora e têm como objetivo, além de desenvolver habilidades textuais, a promoção de uma leitura crítica acerca dos meios de comunicação de massa.

Cònsolo ressalta a importância da socialização das produções comunitárias, como forma de democratizar a informação. Para ela, “é muito importante um diálogo com a grande mídia, para a difusão de idéias e a inclusão da periferia nos debates sociais”.

Tribuna de Minas  
DOMINGO  
27 de abril de 2008

Política

E-mail: redacao@tribunademinas.com.br

3

## Entrevista / Prefeito Alberto Bejani

RICARDO MIRANDA  
REPORTER

**D**iferente das outras vezes em que assumiu a PJJ, o prefeito Alberto Bejani (PTB) dispensou a imagem de Nossa Senhora da Rosa Mística, na última quinta-feira, quando retornou ao gabinete, depois de ficar 13 dias na Penitenciária Nelson Hungria. A ausência da santa, no entanto, não implica no abalo da fé do prefeito, que garante "ter conhecido o inferno" nos últimos dias. Ao contrário, ele assegura ter voltado "mais religioso". Seis quilos mais magro, mas com a mesma presteza de radialista na fala, Bejani conversou com a Tribuna sobre os dias no cárcere e as acusações que levaram a Polícia Federal a pedir sua prisão temporária na Operação Pasárgada. Embora tenha detalhado os procedimentos envolvendo o Fundo de Participação dos Municípios e o INSS, o prefeito quer mais tempo para explicar a procedência

do dinheiro encontrado em sua casa, mas deixou claro se tratar de patrimônio seu. Quanto à posse de arma, alega inocência e, citando a decisão dos desembargadores do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, considerou a prisão injusta e ilegal. Mesmo assim, entre uma citação e outra da Bíblia, afirma que não pensou em acionar judicialmente o Estado. O tom bíblico e conciliador percorreu quase toda a entrevista. A alteração na voz aparece quando desafia diretores do DNS a provar que a PJJ estava lesando o órgão e quando manda recado a integrantes da CPI. "A CPI deve continuar. Agora quem não abre mão somos nós. Quer mostrar que tudo que tenho está declarado na Receita Federal." No mais, tom é sereno. Ora triste, quando fala da família, ora alegre, quando lembra insultos na penitenciária no dia da derrota do Tupi para o Atlético. Observado pelos secretários de Comunicação e Qualidade, Hyé Ribeiro, e de Agropecuária, Marcelo Detoni, além da esposa, Vanessa Loçasso, o prefeito desconversa sobre futuro político e retoma o discurso bíblico: "O futuro a Deus pertence."

## VICE-PREFEITO

"Fiquei tranqüilo quando a imprensa noticiou que o José Eduardo havia assumido. Juiz de Fora não podia ficar sem comando. Uma cidade que já teve um presidente da República e vários ministros não poderia ficar sem um prefeito. A cidade estava em boas mãos."

## POSSE DE ARMA

"Encontrava com meu advogado praticamente de três em três dias e ficava sabendo das inverdades. A começar pela arma. Tem uma medida provisória do presidente Lula, de janeiro, que estabelece que a pessoa tem até 31 de dezembro para registrar ou entregar a arma na Polícia Federal. Não estava portando a arma, tinha a posse. Além do mais, a arma não é 9mm. É uma arma tcheca de bala curta, que me foi dada pelo detetive Mauro Fusco. A arma tinha origem, tinha nota fiscal. E, ainda assim, me fez ficar mais 11 dias na cadeia. Depois, os cinco desembargadores, por unanimidade, falaram que a prisão foi ilegal e injusta."

## O DINHEIRO

"Em relação ao dinheiro encontrado em minha casa (R\$1.120.390), teremos tempo para mostrar isso. Tenho encontro com meu advogado, e será ele quem vai dizer em que dia posso declarar e provar a procedência. Tenho ouvido muita bobagem em relação à quantia, mas prefiro aguardar orientação do meu advogado. O dinheiro chegou na minha casa sexta-feira (dia 4), e estava aguardando documentos para fazer o depósito.

## PENITENCIÁRIA

"O que me trouxe revolta foi, no segundo dia, quando me colocaram em um pavilhão, onde estavam muitos jovens que podiam ser meus filhos. Me fizeram vestir uniforme vermelho de condenado e me mandaram prestar esclarecimento na Polícia Federal. Jogaram-me em um camburão e me levaram para a Polícia Federal para prestar depoimento. Isso tudo por conta de quê? De uma arma da qual eu não devia nada. Isso foi arbitrariedade. O governador vai saber disso. Não vou recorrer contra o Estado; só não quero que aquilo aconteça com outros. Não perceberam que estavam dando, a um investigado, tratamento de condenado. Achava que conhecia, quando era da Comissão de Segurança da Assembléia, o sistema prisional. Foi preciso que Deus me colocasse lá, em seis metros quadrados, com um buraco no chão, que era o vaso, torneira sem pia, com água escorrendo pela parede, para você tomar banho, uma comida não gostosa. Ainda estava junto com outro cidadão que fazia suas necessidades fisiológicas, enquanto eu tinha que colocar meu rosto na grade. Eu não consegui dormir. Passei os primeiros três dias sem conseguir me alimentar e dormir. Perdi seis quilos."

## FUTURO

"Meu futuro político a Deus pertence. Fiquei mais religioso, mais próximo de Deus. Deveria ter sido preso antes. O que aprendi lendo o Livro Sagrado, me conforta. Depois disso, fiquei com mais vontade de trabalhar, de fazer a cidade caminhar mais ainda."

3 - Fragmentos da matéria discutida com os jovens da oficina de impresso do projeto UFJF Território de Oportunidades. Após o debate, os jovens produziram artigos opinativos.